

javalis, touros, um bode e um urso, animais sagrados, a que se prestava culto, e, por isso, venerados como deuses tutelares.

No meu trabalho *A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal*, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, revista da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. 22, fasc. 4, Porto 1975, págs. 353-515, 31 desenhos, LII Est. fotogr. 32-131, estudamos um total de 49 berrões. Depois, no trabalho *Novos elementos da remota zoolaria em Trás-os-Montes*, in id. id., Vol. 23, fasc. 1, Porto 1977, estudei mais 5.

Tantos berrões, dos quais 48 em Trás-os-Montes, levaram-me a formular a hipótese de se poder considerar a «Cultura dos Berrões» como uma manifestação espiritual de veneração zoolátrica, com remotas e fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos, e, muito possivelmente, atribuível à tribo pré-céltica dos Draganos.

Verifica-se pois que Trás-os-Montes tem uma proto-história rica de manifestações artísticas e espirituais, a reflectir um conjunto de excelsas virtualidades que fazem daquela província uma quina sagrada do nosso querido Portugal.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Janeiro de 1979

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Antigo Director do Instituto de Antropologia
«Dr. Mendes Correia» e Presidente da Sociedade
Portuguesa de Antropologia.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia

28.^a Campanha de escavações no Castro de Carvalhelhos, 1979

O subsídio concedido pela Direcção-Geral do Ensino Superior à nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia para trabalhos de Antropologia e Etnografia, permitiu prosseguir no estudo e valorização do Castro de Carvalhelhos em mais uma campanha de escavações.

À Direcção-Geral do Ensino Superior, em nome da Sociedade de Antropologia e em meu nome pessoal reiterados agradecimentos.

Uma das características, já por vezes assinalada, é a da existência, como elemento de defesa do castro, de pedras fincadas formando um ouriçado de estrepes, a dificultar a passagem de pessoas e de animais.

Há pedras fincadas a seguir ao bordo externo do fosso periférico, 3.º fosso a contar da muralha. Tais pedras de que restam alguns pequenos pedaços em faixas irregularmente distribuídas, primitivamente deviam ocupar uma zona contínua numa extensão de pelo menos uns 40 m ao longo do bordo do fosso, por cerca de 10 m de largura.

Mas há também pedras fincadas, e bastantes, nas cristas de separação dos dois fossos que sobem a ladeira do lado poente, paralelamente à segunda muralha e a curta distância da mesma.

Interessa em próxima campanha escavar pequenas extensões daqueles fossos, limpando-os do mato, terra vegetal e pedras que os entulham, para se procurar averiguar a profundidade primitiva dos mesmos.

A campanha de 1979 iniciou-se no dia 31 de Julho e prosseguiu em Agosto até ao dia 15.

Houve dificuldade em conseguir pessoal jornalheiro.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos, no mesmo amparo e coadjuvação que sempre tem prestado aos trabalhos de escavações no castro, forneceu ferramentas e algum pessoal.

Assim, no primeiro dia, três homens da Empresa, deram volta à estrada de acesso em automóvel ao castro, danificada pelas enxurradas do inverno.

Como já disse, de entrada houve dificuldade em conseguir pessoal jornalheiro. A dificuldade permaneceu. Os homens, e também as mulheres, ocupados com as segadas, malhadas, e o arranque da batata, não podiam ir à geira.

A dificuldade só se conseguiu vencer recrutando rapazes dos 15 aos 17 anos, e, de entrada, mesmo de menor idade, como voluntários a que se atribui gratificação correspondente.

Trabalhos feitos

Merecem especial cuidado as pedras fincadas nas cristas do 1.º e do 2.º fossos da vertente poente.

As duas cristas limpam-se do mato que em parte encobria as pedras mais pequenas. Tal limpeza fez-se num comprimento de 45 a 50 m por 4 a 5 m de largura. Algumas pedras que estavam mais ou menos inclinadas ou quase tombadas foram postas a prumo.

Há que defender aqueles restos do ouriçado de estrepes nas cristas daqueles dois fossos, que permitem admitir que todas as cristas de separação dos fossos deviam ser revestidas de pedras fincadas, o que reforçaria de modo notável as condições de defesa daquele castro.

Além do cuidado a ter com as faixas de pedras fincadas, que é uma das características do Castro de Carvalhelhos, um dos problemas que se impunha era ver o que existiria à roda daquilo que se interpretou como lareira, formado por quatro pedras justapostas, em lajeado, e outra pedra, também de granito, que pela posição em que se encontra, posta ao través no topo do lajeado, desempenharia o papel de murilho para encosto da lenha posta a arder na fogueira.

Iniciou-se a escavação junto da pedra que parece desempenhar o papel de murilho ou trasfogueiro.

A primeira camada escavada, com cerca de 25 a 30 cm de profundidade, camada superficial, foi praticamente estéril.

A segunda camada escavada, com cerca de 20 cm pôs a descoberto, a um metro do murilho uma pedra de granito posta de cotelo, e ao lado desta pedra uma fiada de pedras de xisto, irregulares, esquinadas, postas num alinhamento de 2 metros e meio que lembrava uma fiada de parede. Verificou-se que por

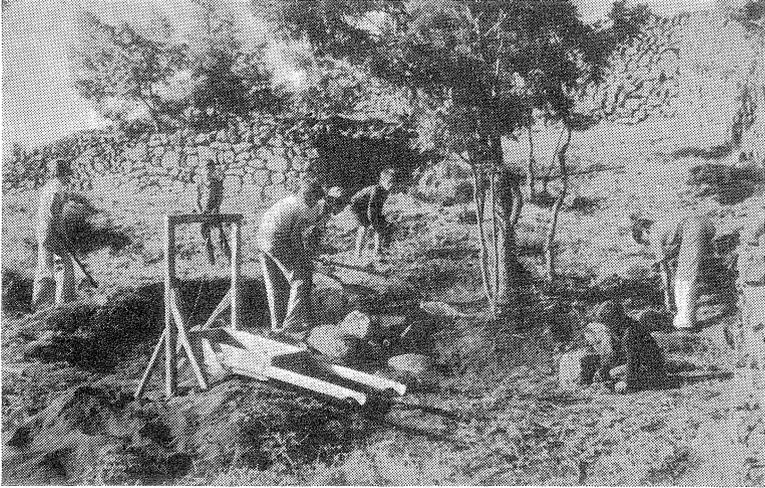


Fig. 1 — Início das escavações.

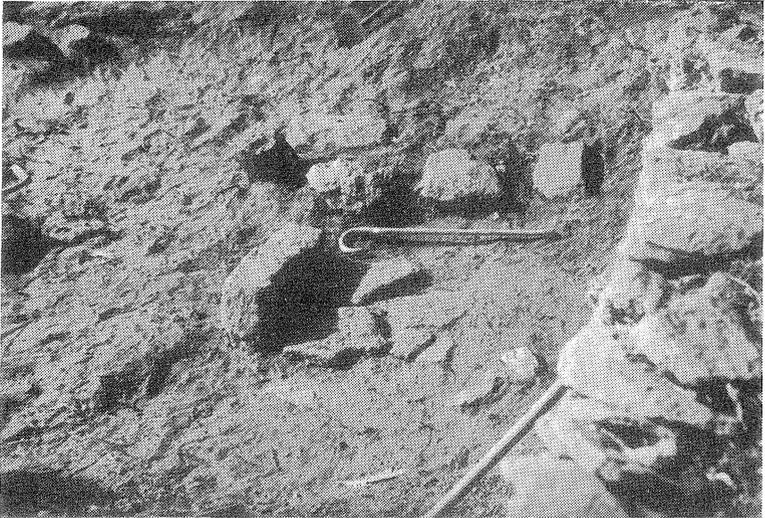


Fig. 2 — Conjunto de pedras que se tem interpretado como lareira.
A pedra posta de cutelo é considerada como murilho ou trasfogueiro.
A bengala mede 82 cm.



Fig. 3 — A escavação foi levada até junto da casa rectangular de esquinas arredondadas, numa camada de terra vegetal sem qualquer sinal de estratificação.

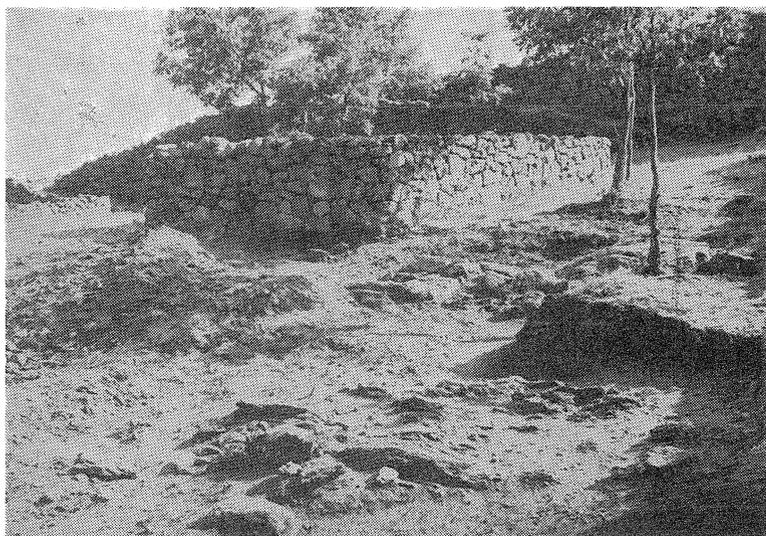


Fig. 4 — Mais amontoados de pedras soltas de xisto sem sequência a permitir considerá-los resto de qualquer construção.

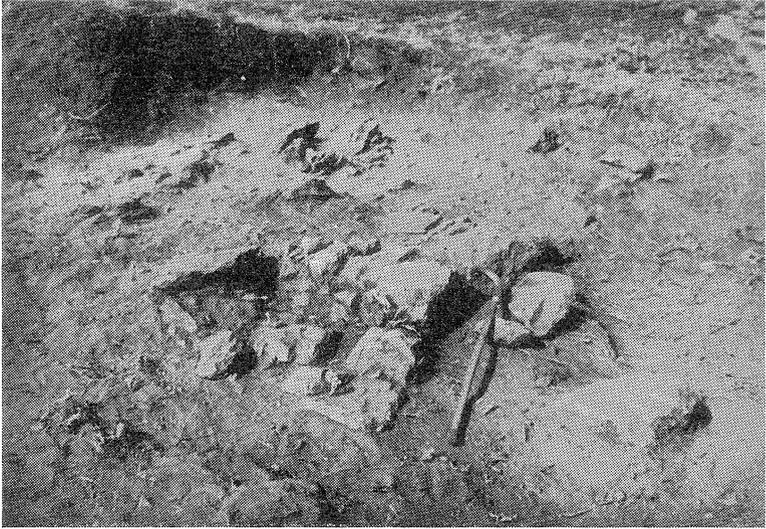


Fig. 5 — Alinhamento de pedras de xisto que se pode interpretar como escasso resto de parede. A bengala mede 82 cm.



Fig. 6 — No 1.º plano conjunto arredondado de pedras de xisto intencionalmente postas de cutelo. A crivagem da terra nada forneceu com interesse arqueológico.



Fig. 7 — Pedras fincadas na crista de separação dos dois fossos do lado poente, pendentes sobre o ribeiro.



Fig. 8 — Fez-se a limpeza do fundo da porção leste do fosso exterior. Pelo homem que se vê na fotografia pode-se apreciar a profundidade do fosso, ali atinge 7 metros de fundura.

baixo destas pedras, irregulares e postas um pouco à toa, não havia senão terra; procedeu-se ao levantamento das mesmas.

Algumas eram relativamente grandes. Custou a arrancá-las presas pelo raizame de carvalhos que tinham crescido ao lado.

As pedras levantadas foram postas na muralha.

A escavação que tinha sido feita num arco de 1,80 m do murilho da lareira, alargou-se em camadas de 30 cm a primeira superficial e as seguintes com 20 cm.

Apareceram dois pedaços de escórias, um pequeno quase à superfície e outro maior, ligeiramente enconchado, em calote, com $16 \times 13,0$ cm e o peso de 970 g.

Ao lado e acima da lareira apareceram bastantes carvões relativamente pequenos.

A uns 50 cm de profundidade apareceu uma fiada de pedras com quase 3 m de comprimento que dão a impressão de alicerce de parede.

Acima desta fiada e para o lado da muralha apareceu um conjunto de pedras, oval ou subtriangular, com 87 cm de maior comprimento por 56 de largura. No meio um espaço pequeno com terra e pedras miudas. Estava a 60 cm de profundidade e coberto de terra vegetal.

Não sei interpretar aquele arranjo de pedras, pelo menos em parte, postas de cotelo lado a lado, por isso em arranjo intencional.

Foi-se alargando a escavação: acima daquele conjunto ovóide ou subtriangular topou-se um alinhamento de pedras no sentido noroeste sudeste, que vai quase a topar no cunhal da casa rectangular de cantos arredondados.

Naquele alinhamento de pedras realça um conjunto trapezoidal com 1,50 m de comprimento de lado maior com 55 cm e o menor com 35 cm.

A limpeza das pedras daquele alinhamento deu-nos a impressão de resto de parede derruida de pedras bastante irregulares e a uns 50 a 60 cm abaixo do nível da base de casa rectangular.

Toda a terra escavada foi passada pela ciranda que foi montada ao lado.

Além dos dois pedaços de escórias referidos apareceram bastantes pedaços de cerâmica, por via de regra de pequenas dimensões e mais pequenos pedaços de escórias.

ESPÓLIO

Como referi o espólio foi escasso mas nem por isso de menos interesse.

Cerâmica

Foi muito pouco aquilo que se colheu na cirandagem de bastantes metros cúbicos de terra da área subquadrada de 5 a 6 m de lado, circundando a lareira, terra que se escavou a uma profundidade que variou entre 45 a 60 cm, sem o menor sinal de estratificação.

Colheram-se umas escassas duas dúzias de pedaços de cerâmica, toda mais ou menos micácea, e predominantemente de pequenas dimensões.

Entre eles, dois pedaços de fundo do mesmo vaso, de pasta castanho-escura, quase preta, um tanto grosseira, pouco granosa e fortemente micácea (moscovite em palhetas miudas). O ajuste dos dois pedaços forma parte do fundo do vaso, que, pela curvatura do que resta, numa extensão de 14 cm corresponde a um fundo de 13 cm de diâmetro.

Deve ser um fundo de cantarinha para água.

Seguem-se alguns pedaços com 5 a 6 cm de comprimento por 3 a 4 de largura. Outros menores oscilam entre 3 a 4 cm de comprimento por 2 a 3 de largura.

Há mesmo pedaços muito pequenos. Um deles é uma porção de bordo com 15 mm e a espessura de 17 mm.

Tão pequenos fragmentos são prova dos remeximentos que, porventura aquele castro haja sofrido.

Há que realçar alguns pedaços de cerâmica com diferentes cores nas duas faces.

Certo é que na cerâmica castreja aparecem com frequência fragmentos de cores um tanto diferentes nas duas faces, especialmente nos vasos — panelas — de ir ao lume.

No entanto as 5 amostras colhidas apresentam acentuada diferença de cor nas duas faces e em 4 é muito nítida a diferente natureza das pastas que formam a parede dos vasos. Vejamos cada um dos casos.

- a) O primeiro caso é um fragmento trapezoidal com a altura de 3,2 cm, a base maior de 4,0 cm e o lado oposto com 2,5 cm. Tem a espessura de 1,1 cm. A pasta é homogénea castanho-clara, pouco granosa e pouco micácea: uma das faces é escura, anegrada e macia ao tacto, a outra face é avermelhada, cor de tijolo, áspera ao tacto e picotada (pela erosão?).

Parece ser pedaço de tijoleira de revestimento de pavimento.

- b) O segundo caso é um fragmento subtriangular de vaso, tem altura de 4 cm, da base convexa e irregular com 6,0 cm; os outros lados, um com 4,6 cm e o outro com 3,5 cm.

A face externa é cinzenta levemente acastanhada e a interna levemente avermelhada cor de tijolo. Pasta pouco granosa e com muito pouca mica.

A cor avermelhada da face interna, de concavidade pouco acentuada (vaso relativamente grande?) é devida a um induto de escasso milímetro de espessura, que é bem patente nas superfícies das fracturas.

- c) Fragmento da parede de grande vaso, dada a larga curvatura da concavidade da face interna, é de cor castanho-escura na face interna, macia ao tacto e com muitas palhetas de mica. A face externa é também de cor acastanhada mas avermelhada e muito micácea. A pasta é castanho-escura. A porção da pasta da face interna tem 4 mm de espessura, a que se segue, em continuidade perfeita, pasta de cor castanho-avermelhada com 2 a 3 mm de espessura, a formar a face externa.

O fragmento tem de altura 3,2 cm, base 4,5 cm, lado maior 3,2 cm, lado menor 2,7 cm e espessura de 7 mm.

- d) Pequena porção também de um vaso com 4,2 cm de comprimento por 2,5 cm de maior altura e espessura de 7 a 8 mm.

A face interna é negra e um tanto macia ao tacto. A face externa, que é ornamentada por um saliente em vergão contínuo, é de cor castanho-avermelhada levemente granosa muito micácea e levemente áspera ao tacto.

A pasta como se mostra nas superfícies de fratura é negra do lado interno e tem a espessura de 5 a 6 mm; esta pasta negra é revestida do lado de fora por camada de argila castanho-avermelhada com 1,5 a 2,0 mm de espessura.

- e) Outro fragmento, possivelmente porção de outro vaso, é de forma irregular, subtriangular, com 4,0 cm de altura, base de 4,7 cm; lados, um com 4,4 cm e o outro com 3,9 a 4,0 cm.

Tem a espessura de 5 mm formada por duas pastas; a interna negra com 3 mm e a externa castanho-amarelada, com 2 mm.

A face interna é macia ao tacto; a externa é irregular e áspera ao tacto.

- f) O maior pedaço de cerâmica colhido é porção do colo de grande vaso. Tem o comprimento de 9,0 cm por uns 6,0 cm de altura.

A espessura daquele grande vaso é de 1,0 cm, que no colo atinge 12 mm e no bordo, bem revirado, 14 mm.

A pasta é negra com muitas palhetas de mica revestida na face externa por camada de cerca de 1 mm de espessura, de cor castanha e também muito micácea.

Pela curvatura da porção do colo, calculou-se o diâmetro da boca do vaso a que teria pertencido. Tal boca devia ter um diâmetro de 18 a 19 cm, o que corresponde a um cântaro, ou mesmo a uma talha para depósito de água, da qual a mesma se tiraria com púcaros.

Escórias

Apareceram 5 pedaços de escórias.

O maior, a que já atrás se fez referência, é um tanto enconchado em calote, com 16,0 por 13,0 e o peso de 970 g.

Outro pedaço de escória, este aparecido à superfície, é de forma subtriangular, tem a altura de 6,3 cm, de base 5,5 cm e pesa 90 g.

Uma terceira porção de escória acentuadamente ferrosa, de forma grosseiramente circular, mede 5,0 de diâmetro e pesa 105 g. Na maior parte é porosa mas tem anexa uma pequena porção compacta e negra férrica.

Uma quarta porção de escória é ligeiramente enconchada, de forma subovoide com bordos irregulares, franjados com salientes em mamilos como pequenas cabeças de dedos, uns maiores e outros menores. Tem de comprimento 10,5 cm, e de largura entre mamilos 8,0 cm. Pesa 302 g.

Todas estas 4 porções de escórias são mais ou menos porosas, e de cor acastanhada por oxidação ferrugínea.

A quinta porção de escória é muito irregular, negra e compacta. Tem uma base de 4,5 cm por 4,4 cm, alteada por uma porção subcônica ou em coifa em forma de pequena crista. Pesa 132 g.

Em algumas escavações dos anos anteriores tem sido abundante a colheita de escórias.

Algumas amostras foram analisadas por dois amigos: o Prof. Eng.º A. Herculano de Carvalho, que foi, Director do Laboratório de Análises do Instituto Superior Técnico e Reitor da Universidade Técnica de Lisboa, e pelo Eng.º Horácio Maia e Costa, Prof. Catedrático da Faculdade de Engenharia do Porto e actual Vice-Reitor da Universidade do Porto.

Este último, no trabalho *Notas sobre as escórias encontradas no Castro de Carvalhelhos*, publicado nos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia» revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Vol. xx, Porto, 1965-1966, págs. 173 a 180, 7 Figs., demonstrou que tais escórias resultaram da

metalurgia do estanho, facto que já tinha sido apontado, como hipótese, pelo Prof. Herculano de Carvalho.

O Prof. Eng.º Maia e Costa, em face da análise química e do estudo macroscópico e microscópico a que procedeu, concluiu:

- a) que o fundente utilizado no tratamento do minério de estanho (cassiterite) foi o óxido de ferro (hematite ou limonite);
- b) que o estudo das escórias compactas revelou terem sido atingidas temperaturas superiores a 1300°C.

Estes factos, e especialmente o último, demonstram terem os castrejos de Carvalhelhos atingido notável conhecimento do mecanismo de redução e fusão da cassiterite (Sn O²).

Fosso incipiente?

O corte do mato e o desbaste de alguns pinheiros pôs a descoberto, no lado sudeste, um regueirão que nasce ao fundo da ladeira e arqueia ligeiramente a desandar para poente, ou, melhor, para sudoeste.

Tem de comprimento cerca de 50 metros.

Termina em cima em rampa suave a morer na superfície da ladeira que naquele sítio é de pendor não muito acentuado.

O regueirão é pouco fundo e tem de boca 3 a 4 m. Parece ter sido entulhado.

Interessa numa primeira oportunidade verificar se, de facto se trata de mais um fosso, e qual o grau do entulhamento para averiguar a sua profundidade.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Dezembro de 1979

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR *

Antigo Director do Instituto de Antropologia
«Dr. Mendes Correia» e Presidente da Sociedade
Portuguesa de Antropologia.

* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia